

**VAMOS ABRIR A RODA, ENLARGUECER! - Reflexões Sobre Ser
Pesquisadora/Amiga/Vizinha/Intelectual Ao Fazer Campo Em Meu Próprio
Bairro¹**

Andreza Lorena Santos Cerqueira (UFSC)

RESUMO

Neste artigo, reflito à luz das Epistemologias Feministas Negras e da Antropologia Feminista o processo experiencial que vem sendo realizado em etnografias a partir de observações em festas de pagode e paredão no meu bairro, em Salvador/Bahia. Basicamente, a ideia é refletir sobre como as posturas se modificam durante o percurso de observação quando informo ou deixo de informar que estou fazendo pesquisa, quando esperam uma pesquisadora diferente nas confirmações no Instagram e subitamente surge eu, a vizinha, ou o oposto, quando estou dançando e me divertindo e me questionaram se aquele momento é “de fato” pesquisa. Esse limite existe? Nós mulheres negras - tendo como objeto o pagode ou não - estamos o tempo inteiro levando nossas experiências como construção de subjetividade, dialogando com nossos familiares, reconfigurando raça/classe/ gênero e as demais interseccionalidades e obviamente fugindo das experiências únicas, tal qual os Feminismos Negros nos ensinaram. Ao mesmo tempo, uma vez que atravessadas pelo conhecimento acadêmico, ainda ecoam em nossos ouvidos Geertz, Malinowski e autores da Antropologia Clássica, sugerindo um distanciamento que além de parecer mágico, soa irreal para as nossas experiências de pesquisa. Neste artigo, irei tentar conectar alguns conhecimentos caros aos Feminismos (como o Ponto de Vista Feminista e a Noção de Conhecimento Situado) para debruçar-me sobre as etnografias que venho realizando e de como, a interlocução deixa de ser pela observação mas acionada por outros sentidos como o afeto e a dança.

Palavras-Chave: Etnografia; Saberes Localizados; Feminismos Negros

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

1. INTRODUÇÃO

Me chamo Andreza, tenho vinte e oito anos e amo pagode. Pagode baiano especificamente, já que, nasci em Salvador. Aqui, esse ritmo tem grande difusão por se diferenciar de muitos outros: conter letras que falam sobre sexo e violência, serem de difusão e produção sonora quase que totalmente digital e seus eventos (os ditos paredões) serem sensação nas periferias da cidade, chegando a concentrar três mil pessoas atrás de quatro caixas de som potentes emparelhadas.

Acontece que, justamente por este ser um ritmo periférico e de certa forma subversivo (com letras explícitas), vivi e vivo desde sempre colecionando surpresas visto que, por ser a primeira da família materna a ir para faculdade e agora estar em um doutorado, as pessoas se comportam como se fosse um retrocesso eu gostar tanto de pagode.

Ainda por cima, desde a graduação, concentro minhas pesquisas sobre o ritmo, evidenciando principalmente a presença e o protagonismo de mulheres e famílias negras e o valor que este constrói para nossa subjetividade. Já escutei inclusive “Qual a validade de sua pesquisa, afinal?”, perguntas que denotam um classicismo e um elitismo latente que desrespeitam não apenas minha existência como mulher negra periférica, mas também de um preciosismo de como uma pesquisa deve ou não funcionar. Neste artigo de caráter experiencial conto um pouco de como essa cisão entre pesquisadora/fã/moradora nunca existiu para mim, mas parece muito evidente ao olhar dos outros.

2. CONHECIMENTO SITUADO, PONTO DE VISTA FEMINISTA E POSICIONALIDADE

Algumas autoras afirmam como as Epistemologias Feministas e a Antropologia Feminista revolucionam a produção científica, visto que, a entrada desses corpos de mulheres que seriam “o outro do outro” (GROSSI, 2008), ajudam as Ciências Sociais em um percurso mais corporificado e encarnado, levando em consideração na produção científica experiências particulares, e assim, novos olhares e pontos de vista. Por este motivo, os Feminismos Negros nos trazem três grandes oferendas teóricas: o ponto de vista feminista (ou *feminist standpoint*), a noção de conhecimento situado e a conceituação de posicionalidade.

O ponto de vista feminista surge atrelado a noção de “experiência”, visto que, a reivindicação de mulheres negras na insurgência dos feminismos negros era de que,

compartilhamos experiências similares (que não são de forma alguma as mesmas que mulheres brancas), mas que, ao mesmo tempo, essas experiências também não podem universalizarem a realidade de mulheres negras. Sendo assim, o ponto de vista feminista reafirma que não há uma hierarquia de opressões (LORDE, 1983), mas, experimentações de pontos de vistas diferentes das condições de subalternidade, como afirma Luiza Bairros:

A outra tentativa mais recente de transformar as categorias mulher experiência e política pessoal e o ponto de vista feminista (feminist standpoint) Segundo essa teoria a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça gênero e classe social interceptam se em diferentes pontos Assim uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual racista e sexista (BAIRROS, 1995:461)

Desse modo, produzir academicamente a partir do seu ponto de vista, conceituado de diversas formas como Conhecimento Situado ou Saber Localizado (HARAWAY, 1995), não significa universalizar experiências, nem pressupor que cada objeto de estudo é diferente, mas convergir de certa forma, a uma busca de similaridades com outros corpos que sequer foram esperados e desejados nesse ambiente. Ao mesmo tempo, a presença de novos corpos na produção científica dança entre esses dois olhares privilegiados que grupos subalternos podem ter: 1) estar na academia e assim analisar a sua vida social a partir de conceitos e assim reformula-los; 2) retornar a sua vida social e com seus pares e promover certa mudança social espalhando os conceitos guardados à sete chaves pelos muros acadêmicos. Essa reflexão é feita de muitos modos por autoras feministas negras, tendo na Patricia Hill Collins (2016) um nome para essa experiência de mulheres negras - “*outsider-within*” ou algo semelhante à “forasteira de dentro”:

As ciências sociais convencionais continuam pressupondo a existência de um encaixe entre consciência e atividade, por isso acredita-se que medidas precisas do comportamento humano produzam retratos precisos da consciência humana de self e de estrutura social (Westkott, 1979). Em contraste, as experiências das mulheres negras sugerem que essas talvez se conformem abertamente aos papéis sociais impostos a elas, mas secretamente se opõem a estes, oposição moldada pela consciência de se estar no escalão mais baixo da estrutura social. As atividades das mulheres negras nas famílias, Igrejas, instituições da comunidade e expressão criativa podem representar mais do que um

esforço em mitigar pressões advindas da opressão. De preferência, o quadro de referência ideológico das mulheres negras, que essas mulheres adquirem pela irmandade, maternidade e expressão criativa, pode servir ainda ao propósito adicional de moldar uma consciência de mulheres negras quanto aos mecanismos da opressão. Além disso, essa consciência não é moldada apenas pela reflexão abstrata e racional, mas também é desenvolvida por intermédio da ação concreta e racional. (COLLINS, 2016:113)

A posição de “*outsider-within*” revoluciona as ciências não apenas por corporificar experiências de grupos subalternos, mas reformulam a conscientização em torno dos mecanismos de opressão, gerando teorizações a partir da vida cotidiana como afirma bell hooks (1995). Escrever sobre experiências deixa de ser meramente um diário sobre dores, mas um instrumento de transformação social para objetos, temas e grupos que não estariam nas produções científicas ou, caso estivessem, seriam vistos pelo olhar do suposto “universal” (branco) de forma descritiva, esvaziada, extrativista e desinteressada, como afirma Djamila Ribeiro (2018):

Essa insistência em não se perceberem como marcados, em discutir como as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais, faz com que pessoas brancas, por exemplo, ainda insistam no argumento de que somente elas pensam na coletividade; que pessoas negras, ao reivindicarem suas existências como separatistas ou pensando somente nelas mesmas. Ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falar pelos outros, quando na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais. (RIBEIRO,2018:31)

Além disso, estamos a questionar a suposta “neutralidade” que algumas áreas recomendam que você adote em busca de uma pesquisa mais “parcial” e “objetiva”. Em suma, não há condições de sua pesquisa ser “objetiva e parcial” se sua vida, seu corpo e em tantas medidas seu coração não está apenas na sua escrita, mas na escolha do seu objeto, dos lugares que você vai frequentar e em seus interlocutores.

Por fim, entender as dinâmicas de produção a partir dos pontos de vista (buscando movimentação e justiça social) é acima de tudo, reconhecer marcadores sociais - e opressões - que intercorrem na sua produção científica, mas sobretudo, em sua vida cotidiana.

O Pensamento Interseccional é uma chave teórica, mas também uma ferramenta que emerge para o entendimento dos processos articulados de opressão que corpos

subalternizados sentem em seus processos experienciais. Sistematizado pela jurista negra Kimberle Crenshaw (1991), ela afirma como é necessário romper com a ideia tradicional de que problemas de gênero seriam sobre mulheres, problemas de raça sobre grupos raciais ou grupos étnicos ou de classe à pessoas pobres. Em suas palavras “ Há também outras categorias de discriminação: em função de uma deficiência, da idade, etc. A interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos” (CRENSHAW, 2004:10). Assim, a experiência articulada de atravessamentos de opressões também participa de nossas jornadas acadêmicas como complementa Patricia Hill Collins (2017):

Como forma de investigação crítica e práxis, o contorno da interseccionalidade na academia reflete o contexto de uma tradução imperfeita. Assim, a interseccionalidade proporciona lentes sugestivas para examinar o que poderia se perder na tradução, em situações de ideias deslocadas entre diferentes comunidades de interpretação, com diferentes níveis de poder. A interseccionalidade conecta dois lados de produção de conhecimento, a saber, a produção intelectual de indivíduos com menos poder, que estão fora do ensino superior, da mídia de instituições similares de produção de conhecimento, e o conhecimento que emana primariamente de instituições cujo propósito é criar saber legitimado. (COLLINS, 2017:07)

3. PRODUZINDO A PARTIR DA SUA RUA

Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano optei conscientemente por tornar-me uma intelectual pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta encarar e compreender o concreto Essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar nos a separar-nos da comunidade mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. (hooks,1995:466)

Sempre me identifiquei muito com a obra da bell hooks já que em vários momentos ela afirmou o quanto se sentia um peixe fora d'água ao questionar alguns temas dentro de casa. Por vir de uma família em que a educação sempre foi muito incentivada (e a pós-graduação também) o que sabemos não ser um horizonte para muitas pessoas pretas periféricas, sempre encontrei respostas em meus questionamentos e espaço para questionar. Mas, viver na periferia sempre bloqueia grande parte das experiências positivas que tive em casa, já que é comum dizermos e ouvirmos coisas do tipo “quem estuda demais fica maluco” ou agora no doutorado coisas do tipo “que dia

você vai parar de estudar e ajudar sua mãe?”. Bom, desde o primeiro estágio da graduação que sempre “ajudei” minha mãe, crendo que talvez essa nem seja a melhor palavra para o momento, mas, é uma crença presente na periferia de que, o trabalho e só ele - por uma farda, sair 6 da manhã - *dignifica o homem*. O trabalho intelectual não é nem como se não fosse BEM visto. Ele não é visto.

E assim, chegar às raízes do meu trabalho. Moro na periferia de Salvador, e pesquiso pagode baiano - no momento festas de paredão do meu bairro. Faço pesquisa de campo em casas de shows e eventos daqui da Cidade Nova/ Pau Miúdo. Pesquisando literalmente na rua que eu moro, há uma certa resistência em entender de fato que tipo de ofício eu tenho na vida, mas ao mesmo tempo a dimensão de pesquisa abre um leque de possibilidades de tratamento, interação e obtenção de resultados.

Quando eu estive na graduação, pesquisei a partir dos estudos de recepção, como minhas vizinhas idosas consumiam ou não pagode. E aqui, habitou a surpresa da pesquisa. Primeiramente, tive que fazer um café da manhã para que todas se sentissem confortáveis em me fortalecer seus diálogos - num grupo focal. Chamei meus melhores amigos para me ajudar, minha mãe, meu tio, todos os filhos das quatro vizinhas e mais algumas pessoas do bairro, era um grande evento - e deixou de ser por muitos momentos minha pesquisa, para ser algo coletivo e familiar. “Deixar de ser pesquisa” significa que houveram tantas preocupações e atravessamentos para sua realização que em muitos momentos esqueci que havia ali um compromisso acadêmico.

No mestrado conheci sentimentos diversos sobre pesquisar. Ao fazer campo em um evento no meu terreiro de candomblé, muitas pessoas utilizavam o lugar da pesquisa para me afastar das atividades que deveria assumir, ou, para me manter “consciente” frente os convites espirituais que eu, pessoa médium poderia ter. Observar é um lugar de controle, mas também de certa solidariedade “Não faça nada hoje, você está pesquisando”.

No samba da minha rua, as pessoas se sentiam na necessidade intensa de me fornecer informações (principalmente sobre finanças) a partir do momento que souberam que tinha ido fazer campo. Ainda havia esse sentimento de que, ser pesquisa é entender as origens e as explicações daquele momento, então ao pesquisador, cabe escutar de onde o dinheiro veio, para onde ele vai, quais os objetivos daquele evento e outras coisas mais. Por outro lado, ir a eventos de paredão com meus amigos, romperam totalmente com esse lugar do “respeito” ou do “controle” descritos acima. Meus amigos sempre dizem, quando estou observando nas festas que eu tanto gosto, frases do tipo

“Diz ela que tá fazendo pesquisa” ou “Qual é sua desculpa” ou “Mais um dia que você tá bebendo e fingindo que é pesquisa”.

Interessante observar a partir destes relatos como, mesmo ao fazer pesquisa em seu bairro, com seus vizinhos e amigos, o lugar do pesquisador parece algo meio etéreo, fora da realidade. Tornar confortável, como no primeiro caso, é disfarçar que é pesquisa, criar um evento. Nos outros três se pesquisa ou era motivo de dúvida ou de necessidade de explicação. Aparentemente o deslocamento em estar na rua, cria essa dissonância: se é pesquisa é sério, não é sem motivo, não é entorpecido, não é “desacordado” nem descontrolado. É pesquisa!

A dúvida é: como construir algo acordado/controlado/preendido se você está em sua casa, com os seus, mobilizando suas interfaces (raça, classe, gênero, territorialidade etc)?. E aqui gostaríamos de fazer uma reflexão como além de ser um corpo novo na academia por conectar tudo isso, a academia se torna um corpo novo na vida, na boca e na língua de tantos entes, vizinhos, parentes que me enxergam com esse olhar duro e controlado, ainda que, convidar eles para perto já é, quebrar a dureza acadêmica, como afirma Ana Clara Damásio (2022):

Quando estou partindo da minha família a tomando como locus de pesquisa, estou construindo teoria a partir do que me é próximo, logo, minha “distância” e suposta “neutralidade” são questionadas o tempo todo ao longo dos pareceres, conversas e avaliações institucionais. E se o problema for a proximidade com o que pesquiso, que assim continue sendo, pois não são essas estruturas de fazer ciência (neutralidade, distância, “pesquisadora contaminada pelo que vive”) que orientam meu olhar. (DAMÁSIO, 2022: 10)

Produzir a partir da sua posicionalidade, do seu saber localizado ou conhecimento situado (tantos nomes) implica diretamente em, se despir dos rigores acadêmicos mesmo que eles estejam impregnados em seu olhar, porque este corpo aqui já foi, e é, longe do esperado/desejado pelos rigores acadêmicos. E nesse processo de dupla troca, ainda que os interlocutores achem que você ali, representa uma instituição, eles confiam, te aceitam e compartilham segredos mais singelos do seu cotidiano porque te conhecem, e assim, depositam em você um lugar de confiança. E a partir desse lugar que, acredito eu, precisamos devolver (textos, dados e principalmente satisfação) aos grupos que trabalhamos, já que, quem pesquisa a partir do extrativismo são os corpos universais (brancos) que não tem o que trocar, contribuir ou estar atentos, já que não são

parte daquela comunidade, não foi conversar com sua vizinha, seu primo ou o funcionário do mercadinho.

4. SURPRESAS

Se na seção anterior eu pude apontar o que acontece no meu bairro quando estou fazendo pesquisa, aqui nesta seção pretendo apontar basicamente o oposto. O que acontece em ambientes acadêmicos quando me apresento (mulher negra, periférica, jovem) e quando apresento minha pesquisa (sobre pagode baiano).

Não raramente, sou convidada para palestrar em eventos na cidade de Salvador. Poderia citar diversas situações, mas vou escolher três situações pontuais que evidenciam três pontos de vista diferentes: no primeiro caso, não se esperava alguém tão nova com a qualificação esperada; no segundo caso, o oposto, não esperava-se tantas qualificações para alguém tão “comum” e na terceira, como a minha comunidade lida quando me projeto em espaços de visibilidade.

O objetivo desse ensaio não é nem de longe falar apenas sobre minha própria vida, mas creio que será interessante esse abraço entre as experiências e alguns postulados teóricos. Primeiro caso: Em março de 2023, fui convidada para proferir uma palestra sobre Feminismos Negros para o público interno de um grande hospital privado da Cidade de Salvador. Como recebi o convite em cima da hora - uma amiga me indicou para seu lugar, pois havia adoecido - não apareci em nenhuma peça gráfica veiculada, aumentando ainda mais o fator surpresa. Quando cheguei, quis me manter calada e fazer minha fala em torno das autoras que conhecia, sobre as quais me apoio. E senti em muitos momentos que, as outras pessoas que dividiram a mesa comigo se utilizaram e reforçaram conceitos que eu disse, mas em muitos momentos ouvi que meu pensamento era fruto “da minha geração” ou do “meu tempo”, desconsiderando o que eu dizia em virtude da minha idade.

Claramente, isso é uma obviedade, somos todos filhos do nosso tempo. A questão é que, ser fruto do meu tempo naquele contexto era tentar descredibilizar muito do que eu dizia não pela falta de acúmulo, mas pela experiência geracional, algo como “sei mais porque sou mais velha”. Obviamente, isso é uma perda de tempo já que poderíamos somar juntas e de todo modo, nenhum conhecimento invalida outro em

termos de tempo ou espaço, apenas complementam-se. Essa divergência entre pesquisadoras feministas é algo já relatado como já sugeriu bell hooks (1995):

Dentro dos círculos feministas, muitas mulheres, reagindo à teoria feminista hegemônica que não fala claramente conosco, passaram a atacar toda teoria e, em consequência, a promover ainda mais a falsa dicotomia entre teoria e prática. Assim, entram em conluio com aquelas a quem se opõem, Interiorizando o falso pressuposto de que a teoria não é uma prática social, elas promovem, dentro dos círculos feministas a formação de uma hierarquia potencialmente opressora onde toda ação concreta é vista como mais importante que qualquer teoria escrita ou falada. (hooks, 1995:91)

No segundo caso, fiz uma palestra em um colégio estadual de um bairro próximo ao meu. Ao chegar, fui muito bem tratada, como palestrante e ainda mais por ser uma mulher negra, já que este era o tema da palestra. Fiquei tranquila, me senti em casa. Quando pude falar, tentei me conectar aos alunos a partir das músicas e dos cantores, comentando sobre o que eu gostava no pagode, e que eu pesquisava pagode.

E assim, depois, quando a palestra acabou, alguns discentes tinham justamente essa ideia “Mas, como assim você sabe TANTO e ainda sabe tanto sobre pagode?”. Essa opinião também se estendeu à própria gestão da escola, que não ficou surpresa com os conceitos ou com o tom da palestra, mas com a fluidez que tive falando de um tema que é natural para mim, não por ser pesquisadora, mas por gostar de pagode mesmo. E assim, poder traçar novos pontos de vista sobre algo que é tão corriqueiro no cotidiano daquela escola. Se no primeiro caso o espaço descredibiliza o acúmulo de conhecimento por causa da idade, aqui o espaço credibiliza o acúmulo de conhecimento pela semelhança com os pares. Grada Kilomba já comentou sobre isso:

Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais negras/os se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso como uma nova linguagem. Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou

teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. (KILOMBA, 2019:59)

A citação acima reflete como falar com amor, conectar-se academicamente pela subjetividade é algo natural para pesquisadores ditos “subalternos”, visto a própria produção a partir do seu ponto de vista.

O terceiro caso foi quando apareci na televisão falando sobre pagode. Eu havia gravado uma participação em um programa da correspondente local da TV GLOBO, um programa que tinha como foco o pagode baiano, e pude contribuir como pesquisadora. Obviamente esta é uma grande conquista pessoal não pela imagem em si, mas pelo reconhecimento dos anos de pesquisa. Acontece que, no meu bairro, notabilizaram diversos outros fatores (“Como você fala bem” “Como você está bonita” “Eloquente” “Carismática”) ou além disso, apontar semelhanças ou diferenças familiares “Você fala tão bem quanto seu primo”. Ou seja, a leitura da comunidade sobre mim, passa pelo próprio pertencimento com a comunidade, como pode sugerir bell hooks:

Manter conexões com a família e a comunidade através das fronteiras de classe exige mais do que uma breve lembrança de onde se encontram as nossas raízes, de onde viemos. Requer conhecer, nomear e estar sempre atento àqueles aspectos do passado que permitiram e continuam a permitir o nosso autodesenvolvimento no presente, que sustentam e apoiam, que enriquecem. Devemos também confrontar honestamente as barreiras que de fato existem, aspectos daquele passado que realmente nos depreciam. (hooks, 2019:170)

As críticas e elogios sobre o conteúdo e a densidade da fala vieram dos meus amigos intelectuais e professores, para meus vizinhos era interessante só ter, alguém da comunidade que falasse bem e estivesse bonita na televisão. A resposta da minha comunidade, vai além do que eu poderia dizer, mas parte de um lugar do reconhecimento coletivo das semelhanças que ali foram vistas (beleza,eloquência,carisma) afinal, foram essas pessoas que me viram ir para escola todo dia às seis da manhã do maternal até a graduação.

5. FAZENDO LAÇOS A PARTIR DO CORPO

Roberto Cardoso em "O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever" (1996) traz como a partir das entrevistas - e assim da escuta - diferenças culturais tornam-se observáveis. É nas entrevistas que encontramos matéria prima ao entendimento antropológico por trazerem à tona as explicações nativas. Essas explicações são sentidos partilhados pelos grupos observados mas que, não necessariamente possuem sentido apenas através do olhar e do ouvir do pesquisador. Por isso é necessário a troca com os grupos a partir da entrevista.

Não pode-se perder de vista como o pesquisador congrega inicialmente duas linguagens: a brasileira e a da antropologia, sendo isso parte da entrevista e do diálogo estabelecido. O ato de ouvir para Roberto Cardoso traz poder aos informantes, entretanto, ainda assim não os coloca em interação real com o pesquisador. Esse espaço de interação é denominado "Encontro Etnográfico". No encontro Etnográfico não existe neutralidade. A observação participante traz ao pesquisador uma posição digerível na sociedade observada. Essa posição gera hipóteses, que precisam ser testadas em procedimentos posteriores.

Obviamente, por consumir pagode e ser uma mulher que se expressa a partir do corpo, preciso ter na dança um horizonte de construção de conhecimento, visto que outro autor que aborda a transformação de experiências em campo de ação expressiva é John Dewey (1934). Para o autor, no ato de expressão, sensações do ambiente que, de outro modo seriam meros canais facilitadores ou obstruções cegas, tornam-se meios e veículos expressados no corpo. (DEWEY, 1934: 147). Ou seja, todo tipo de atividade expressiva deve levar em consideração as agências do ambiente sendo o corpo também um veículo de expressão.

Ao formular o pensamento do pagode enquanto instância performativa na realidade de mulheres negras, utilizo dois autores chave para o entendimento das emoções enquanto mobilizadoras de ações.

Richard Shusterman (2013), grande estudioso da área de consciência corporal, evidencia quanto comportamentos e atos podem estar para além da compreensão racional. O ato de dançar pagode e consumir pagode como parte de um cotidiano compartilhado nas periferias de Salvador. Obviamente, nem todo mundo dança, mas a sonoridade é presente. Os sentidos sociais das letras estão presentes nas músicas, mas todo diálogo que o ritmo conecta – e sempre conectou historicamente – faz com que

qualquer cidadão soteropolitano e principalmente qualquer pessoa periférica não consiga não estabelecer relações com ele.

Já Richard Schechner (2002) traz contribuições importantes à pesquisa ao entender performances como comportamentos restaurados. Ainda que, racionalidades sejam acionadas ao ouvir determinadas músicas – já que fazem parte do cotidiano – as sonoridades acabam tornando-se parte de ritos diários. A partir dessa interlocução, dançar e consumir essas músicas tornam-se comportamentos atualizados cotidianamente ainda que constantemente filtrados nas esferas ditas conscientes e acadêmicas. Importante observar também que, o lugar da dança também traz proximidade, me aproximando das possíveis interlocutoras. Dançar também é de grande importância à mulheres negras e ao ritmo, como já observei anteriormente:

Sabemos que dançar repercute sexualidades, mas reafirmo aqui que, a agência do dançar faz parte do universo da periferia, sendo parte do cotidiano de mulheres negras. Ao dialogar com mulheres negras, o discurso do “*É impossível ficar parado*” alia-se não só a como nos relacionarmos com o ritmo – sempre bastante tocado – mas acima disso, como nos relacionamos e construímos nossa sexualidade em comunidade. Usar short curto, rebolar, ou dialogarmos a partir de chamamentos (apontados como sexualizados) com outros homens na periferia admitem outras leituras possíveis. Nossa sexualidade está impressa no respeito aos nossos corpos, respeito a nossa vontade sendo uma instância alongada da nossa liberdade de corpo. Dançar ou utilizar roupas curtas são uma extensão do que gostamos, ainda que nossos gostos também sejam construídos socialmente. (CERQUEIRA,2021:70)

Desse modo, reafirmo como em muitos momentos, o diálogo mais profundo que consigo mobilizar nas experiências de campo é justamente ir dançar com outras mulheres pretas. Em algumas situações, fui chamada para dançar mais perto, em outras, precisei ir literalmente sambando até o grupo de mulheres que precisava interagir. Por outros momentos, quando falamos de crianças ou mulheres mais velhas, dançar é uma das únicas formas de adentrar aquele grupo durante um evento.

Ainda por cima, sabemos que em festas, a própria intensidade do som dificulta os diálogos mais profundos, então algumas trocas de ideia surgem a partir da música como qualificações positivas ou não da música em questão, ou elogios ao jeito de rebolar, convites para entrar na roda etc. Desse modo, cria-se uma nova ponte de interlocução que começa no corpo, se estende a um contato breve e que eu utilizo deste contato para prolongar as conversas. Em alguns casos, esse contato pode sim, ser meramente sobre a pesquisa. Em outros, pode sim, tornar-se uma amizade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nome do artigo é “Vamos abrir a roda, enlargar” por fazer referência direta a uma música famosa da axé music, da cantora Sarajane. Esse nome surgiu por, imaginar que, além de ter a oportunidade de elucidar experiências tão pessoais à luz de tantos conceitos, amplia também (enlarga) uma roda de possibilidades de organização para pesquisadores dissidentes e que interagem com temas dissidentes.

Pude contar aqui, a partir de outras autoras (em sua maioria negras), como esse lugar de peixe fora d'água tão comum e tão contado na academia é algo que se repete, mas que nos faz resistir, nos faz permanecer e assim desafiar os cânones acadêmicos que sequer imaginavam corpos como os nossos ocupando esses espaços.

Nós mulheres negras - no pagode ou não - estamos o tempo inteiro levando nossas experiências como construção de subjetividade, dialogando com nossos familiares, reconfigurando raça/classe/ gênero e as demais interseccionalidades e obviamente fugindo das experiências únicas. Inclusive, sobre performances, me encontro e me posiciono feminista negra na universidade. No pagode do meu bairro sou apenas Filha de Marli, prima de Andrei. Para mim essa é a melhor referência que poderia ser: minha família, meu centro de produção de experiência. E é esta troca que soa interessante aos meus sentidos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERQUEIRA, Andreza Lorena Santos. Mulheres negras e interseccionalidades em cenas musicais de paredão, pagode e samba em Salvador, Bahia. / 2021. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador - 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 99-127, abr. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922016000100006>.

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **revista estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 458-458, 1995.

DAMÁSIO, A. C. (2021). “Olho de Parente” e o “Olho Estranho”: Considerações etnográficas sobre Viver, Olhar, Ouvir, Escrever e Permanecer. **Novos Debates**, 7(1).

DEWEY, John. *Arte como Experiência* / São Paulo Martins Fontes - selo Martins
2010

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. In: GROSSI, Miriam; SCHWADE, Elisete; MELLO, Anahi; SALA, Arianna. **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2018.

hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: A educação como prática libertadora*. São Paulo, WMF, Martins Fontes, 1997

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo, Elefante, 2019.

hooks, bell. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Textos escolhidos*. S/D.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**, Campinas, v. 39, n. 01, p. 13-37, 06 jun. 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 30 abr. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala**. 2. ed. São Paulo: Pólen, 2019. 112 p.

SCHECHENER, Richard, 1934– *Performance studies : an introduction* / Richard

Schechner and Sara Brady. – 3rd ed

SHUSTERMAN, Richard. **Body Consciousness: A Philosophy of Mindfulness and Somaesthetics** Cambridge University Press; Edição: 1 (2008)